

Cartografia da saudade: Feituras entre arte-educação e memória em Feira de Santana (BA)

Cartography of nostalgia: Developments between art-education and memory in Feira de Santana (BA)

Matheus Guimarães Costa¹

Resumo: O trabalho apresentado refere-se a uma oficina ministrada no Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira, fazendo parte da programação em comemoração aos 190 anos da cidade de Feira de Santana. A oficina chamada “Mapeando nosso corpo cidade” partiu do interesse em refletir acerca do espaço urbano da cidade, compreendendo que é uma urbe que pouco investe no valor da memória dos moradores, e tampouco propõe cartografias afetivas em diálogo com as subjetividades das pessoas que habitam este espaço. Entendendo a arte e o desenho como ferramentas de influência e transformação social, foi elaborada uma metodologia que propôs a construção coletiva de um mapa com desenhos a partir de memórias vividas pelos sujeitos participantes, servindo de centelha para compreender um pouco da experiência do habitar o território local.

Palavras-chave: Memória. Urbanismo. Desenho. Pintura. Cartografia.

Abstract: The work presented refers to a workshop given at the Raimundo de Oliveira Museum of Contemporary Art, forming part of the program celebrating the 190th anniversary of the city of Feira de Santana. The workshop called “Mapping our city body” was based on an interest in reflecting on the city's urban space, understanding that it is a city that invests little in the value of its residents' memory, nor does it propose affective cartographies in dialogue with the subjectivities of the people who inhabit this space. Understanding art and drawing as tools of influence and social transformation, a methodology was developed that proposed the collective construction of a map with drawings based on memories lived by the participating subjects, serving as a spark to understand a little of the experience of inhabiting the territory local.

Keywords: Memory. Urbanism. Design. Painting. Cartography.

¹ Matheus Guimarães Costa, Engenheiro civil (UEFS), atuando como artesão e arte-educador na área de urbanismo (Feira de Santana, BA). guimaraesmc7@gmail.com

Introdução

A memória contribui para que os homens transformem o espaço em um território, quer dizer um espaço ordenado e apropriado, um espaço no qual os indivíduos e os grupos sociais deixam suas marcas, um espaço arranjado por eles. Para se situarem, os seus ocupantes podem achar nele as referências localizadas, designadas e instituídas como tais. O território define o sentido que os homens inscreveram nele e que eles podem recordar através do seu arranjo espacial (KNAEBEL, 1997). Portanto, ele contribui à construção e à manutenção da identidade.

Beatriz Nascimento, historiadora, professora, roteirista, poeta e ativista pelos direitos humanos de pessoas negras e mulheres, traz em seus trabalhos o conceito de corpo-mapa, pensando na potência do corpo em guardar a experiência urbana e subjetiva individual de cada sujeito, sendo que cada um vive a cidade de uma maneira específica, logo usando a memória e os registros do corpo é possível vislumbrar caminhos de cura não só para este corpo mas também para o espaço em que ele habita. No corpo, além de marcas, registram-se conhecimentos, ancestralidade, sabedoria, dor, alegria... Vida, enfim. É então um território, onde guarda percursos e trajetórias dos caminhos percorridos. Dessa forma, corpo é memória (CRUZ e GONÇALVES, 2020).

Desta forma, a oficina “Mapeando nosso corpo cidade”, ministrada pelo engenheiro civil e artesão Matheus Guimarães no dia 16 de setembro de 2023, foi idealizada tomando essas ideias apresentadas como teoria-base para tal elaboração. A atividade tem como objetivo geral a produção de um mapa coletivo da cidade de Feira de Santana usando a memória, a terra e a arte como elementos de construção cartográfica e afetiva. Como objetivos específicos estão o fortalecimento da relação do sujeito morador de Feira com a cidade, sendo este sujeito atuante e produtor de espaços urbanos; ensinar a técnica de produção de tinta com terra; instigar os participantes da oficina no processo de participação política da cidade e evidenciar a importância da memória para a composição da identidade coletiva da população.

Arte-educação: pintando memórias urbanas com terra

Em um primeiro momento da oficina conversamos um pouco a respeito das teorias mobilizadas para a construção que iríamos realizar. Uma das questões levantadas envolve a função social dos mapas, sendo estes uma abstração do mundo, elaborados sempre a partir de algum ponto de vista, e comumente sujeitando-se às disputas políticas e tensões econômicas (ACSELRAD, 2008). O grande desafio da atividade seria então, a construção de uma cartografia que mobilizasse os interesses populares, daqueles sujeitos que estiveram presentes, esquivando do mapeamento de recursos naturais, densidade demográfica ou divisão territorial, mas sim uma cartografia baseada na memória, onde cada um recuperasse uma lembrança de algum momento vivido na cidade de Feira de Santana, associando um ponto no mapa à uma vivência individual.

Após apresentação da ideia, iniciamos a produção das tintas artesanais, os participantes foram agrupados, receberam as amostras de solos locais, coletados anteriormente, e foram peneirando-o, para que houvesse a separação dos grãos mais finos, posteriormente colocaram baba de linhaça, material feito a partir da fervura em fogo baixo de sementes de linhaça com água até formar um líquido viscoso que serviu como aglutinante. Ao misturar o pó peneirado com a baba, forma-se o pigmento a base de terra, servindo como tinta. Também fizeram o mesmo processo com carvão, porém antes de peneirar usou-se pilões para quebrar os pedaços de carvão em pó.

Tendo a tinta em mãos, partiram para os desenhos, onde cada um foi escolhendo qual memória gostaria de retratar, receberam pequenos pedaços de papel, de gramatura 300g /m². Neste momento de escolha e busca por uma lembrança, as emoções vieram à tona, enquanto algumas pessoas escolhiam memórias positivas, felizes e saudosas, algumas foram um tanto dolorosas, como medo, memórias de trabalho infantil ou pessoas falecidas,

porém dando um senso de realidade ao que estava sendo construído, visto que se baseou em experiências reais.

Conforme iam terminando os desenhos, íamos anexando-os no mapa, feito em um papel kraft de 2m x 1,5m de dimensão, onde identificamos as avenidas principais da cidade (Avenida de contorno, Avenida Getúlio Vargas, Avenida Maria Quitéria...) e também os bairros a que se referiam os desenhos. Tudo que foi colocado no mapa foi escolhido coletivamente, desde o nome, “Mapa de memórias da Feira”, até a escala (1:saudade) e a legenda, em que fomos identificando com símbolos lugares especiais, com comida boa e cultura pulsante.

O mapa, como está ilustrado na Figura 1, foi uma maneira de incluir os sujeitos participantes da oficina na elaboração dessa cartografia e consequentemente no próprio processo de pensar possibilidades para a cidade. Conforme foram buscando em seus corpos as marcas que a cidade deixou neles, fomos coletivamente avaliando possíveis mudanças na própria estrutura urbana em questão, seja sobre a necessidade de melhoria do transporte público, necessidade de segurança, desigualdade social em relação aos bairros, dificuldade de deslocamento e ainda no poder transformador da educação diante de problemas como trabalho infantil.

O espaço que sediou a oficina, o Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira, deu um apoio imenso à atividade desempenhada, com suporte da diretora do Departamento de Atividades Culturais, Geórgia Pitombo, cujo resultado final fez parte da “Mostra Feira dos meus Olhos D’água”, com Curadoria da artista visual feirense Simone Rasslam e equipe técnica do museu.

Figura 1: Mapa de memórias da Feira



Fonte: Autoral, 2023.

Conclusões

O processo de construção cartográfica foi bastante enriquecedor, tanto para quem participou quanto para o profissional que ministrou, visto que fortaleceu os saberes que estavam sendo repassados e foi criado um espaço de troca seguro e horizontal, onde puderam explorar suas habilidades artísticas e investigar memórias que guardavam. O resultado da oficina ficou exposto no museu por algumas semanas, ficando aberto para que o público pudesse acessar.

Se faz portanto imprescindível que a memória continue sendo usada como ferramenta para pensar possibilidades de transformação urbana,

tornando a cidade mais inclusiva e democrática, ao mesmo passo que a arte e o desenho de mostram como instrumentos nessa reelaboração.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H. Cartografias sociais e território. Rio de Janeiro, 2008.

Disponível em

<http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/cartografia_tematica/leitura%204/Cartografias%20Sociais%20e%20Territ%F3rio.pdf>. Acesso em 16 de outubro de 2023.

CRUZ, D. F. da C; GONÇALVES, F.R. O sol é um disco: Ensaio sobre corporalidades em Orí, filme de Raquel Gerber. Ceará, 2020. Disponível em

<<https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/download/411/265/1242>>. Acesso em 16 de outubro de 2023.

KNAEBEL, G. Désordre, sens et espace: Un programme de recherche.

Institut d'Urbanisme de Paris, Paris, 1997. 201 p.